

Norte-Americanos e Chineses: Política e Opinião sobre Alterações Climáticas

Mônica Prado¹

Apresentação

O ensaio acadêmico foi produzido no âmbito do Programa Doutoral Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável, gestionado pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Nova de Lisboa. O tema – *Norte-Americanos e Chineses: Política e Opinião sobre Alterações Climáticas* – foi escolhido a partir da livre seleção de temas e justifica-se a escolha porque, em novembro de 2014, os governos dos Presidentes Barack Obama e Xi Jinping celebraram, em Beijing (China), acordo sobre mitigação às Alterações Climática. O Acordo Bilateral é um ponto de virada no posicionamento político que os dois países mantinham desde a assinatura do Protocolo de Kyoto, em 1997. Também se justifica porque norte-americanos e chineses manifestam suas opiniões por intermédio de *surveys* e falam das preocupações sobre as alterações climáticas e sobre as responsabilidades governamentais.

São utilizados como documentos básicos para análise (i) o texto oficial do Acordo Bilateral EUA – China, (ii) as notícias publicadas pelos veículos norte-americanos *New York Times*, *Washington Post* e *PBS – Public Broadcaster*, no período de assinatura do acordo, e (iii) as pesquisas de opinião realizadas nos Estados Unidos e na China, em 2012, pelo *Yale Project on Climate Change Communication*², que tem como instituições parceiras o *Center for Climate Change Communication (4C)* da George Mason University (EUA) e o *Center for Climate Change Communication (China 4C)* da Renmin University (China) e Oxfam Hong Kong.

Esse ensaio acadêmico tem por objetivo conhecer e compreender o Acordo Político e o que pensam norte-americanos e chineses. O que quer responder esse ensaio acadêmico? Quer responder a dois blocos de perguntas, sendo um deles relacionado à Política e o outro relacionado à Opinião Pública. No que diz respeito à Política: (i) que Acordo Bilateral foi assinado? (ii) quais os bastidores do Acordo? (iii) o que está por detrás do acordo? Expansão de Mercado, Pressão Doméstica ou ambos? e (iv) quais as reverberações, por exemplo? No que diz respeito à Opinião: (i) o que pensam norte-americanos e chineses sobre alterações climáticas? (ii) o que é comum e o que é diferente entre eles, é significativa a diferença? e (iii) o que dizem sobre as responsabilidades governamentais quanto ao assunto alterações climáticas?

¹ Jornalista, Mestre em Comunicação e doutoranda do programa *Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável*, 5ª. Edição – 2013/2014 - da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Contato: pradoigrejamonica@gmail.com

² Website oficial: <http://environment.yale.edu/climate-communication/>

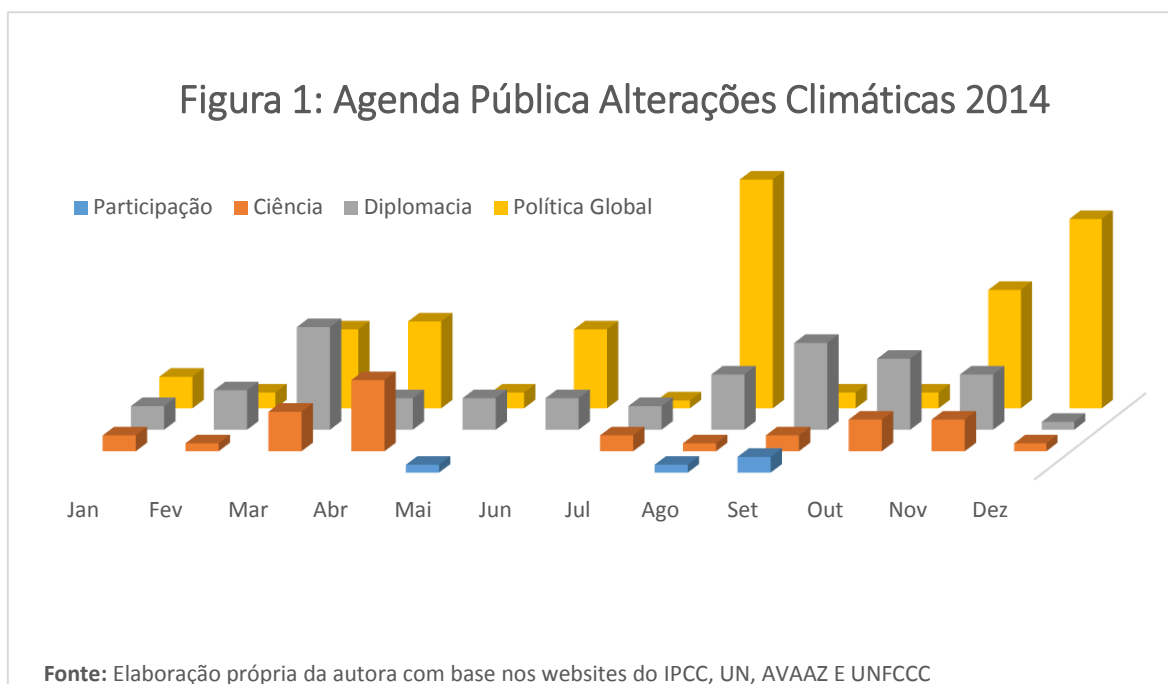
Escolheu-se a Pesquisa Bibliográfica e a técnica de Análise de Conteúdo como metodologia para responder às perguntas formuladas. A pesquisa bibliográfica permite coletar dados, documentos e informações tanto para responder as perguntas do bloco de Política como do de Opinião de norte-americanos e chineses. A análise de conteúdo permite descrever, sintetizar e compreender as mensagens dos textos coletados que estão distribuídas por diferentes suportes. Aplicou-se a análise temática qualitativa, que não recorre à quantificação e à frequência da aparição de termos. A análise proposicional, uma das possibilidades da análise temática qualitativa, identifica referentes-núcleos e proposições a eles associados para proceder à análise. Como definida por Bardin (2014: 11), Análise de Conteúdo “é uma *hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência*”. As inferências conduzem a uma interpretação, que é, ao final, a reflexão crítica sobre o tema do ensaio acadêmico.

O ensaio, assim, foi dividido em quatro tópicos. No primeiro, aborda-se o pano de fundo sobre os acontecimentos de 2014 que envolvem Alterações Climáticas. No segundo, o acordo entre os gigantes econômicos e emissores globais – Estados Unidos e China, e, no terceiro, a opinião pública nos dois países, o pensam as pessoas sobre alterações climáticas e responsabilidades governamentais. O quarto tópico é dedicado às reflexões sobre o assunto.

1. Pano de Fundo

Alterações Climáticas esteve na agenda pública global durante todo o ano de 2014. De janeiro a dezembro, todos os meses, o assunto Alterações Climáticas circulou nas mais diversas arenas. Os acontecimentos de 2014 podem ser agrupados em quatro categorias: Ciência do Clima, Política Global, Participação Popular e Diplomacia do Clima. Ciência do Clima está identificada com o *Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC)*, Política Global com o *UN Climate Summit 2014*, Participação Popular com a *Avaaz* que promove a *People Climate March* e a *100% Clean Energy Petition*, e a Diplomacia do Clima com a *UNFCCC – Convenção do Clima* e a Conferência das Partes, a COP 20, ocorrida em Lima (Peru). Com o objetivo de visualizar os eventos sobre Alterações Climáticas, sua constante ao longo do ano e a sobreposição, ocorrida, somou-se a quantidade de eventos listados nos websites oficiais das instituições-líderes de cada uma das categorias de acontecimentos, por mês de ocorrência. Essa escolha, ainda que

arbitrária, gerou a Figura 1 (a seguir) que visualmente permite identificar a presença dos eventos por categoria durante os meses de 2014.



A categoria Participação Popular está presente em maio, agosto e setembro. Em maio é lançada pela Avaaz³, via plataforma digital, a petição global (abaixo assinado) em prol de *100% Clean Energy*. Em outras palavras, uma petição em favor de uma economia *low carbon* e contra uma economia intensa em combustíveis fósseis (gás, petróleo e carvão). Em agosto, também pela plataforma global, inicia-se a mobilização de recursos humanos e financeiros, com doações *on line*, para a Marcha do Clima, para que possa ocorrer na mesma semana que o *UN Climate Summit* (evento de Política Global), em todo o mundo. Em setembro, a Marcha do Clima (*People Climate March*) leva 400 mil às ruas em Nova Iorque (EUA) e são realizados mais de dois mil e 500 eventos em todo o mundo. A petição com 2 milhões de assinaturas colhidas via plataforma digital é entregue ao secretário-geral da Nações Unidas, Ben Ki-moon, durante a Marcha em Nova Iorque, em setembro⁴.

A categoria Ciência do Clima só não está presente em maio e junho. Durante todos os demais meses do ano, o IPCC divulgou os relatórios de avaliação – 5ª edição (AR 5), de cada um dos grupos de trabalho: WG I (Física do Clima), WG II (Adaptação) e WG III (Mitigação), e os

³ Avaaz.org: <http://www.avaaz.org/en/>

⁴ Fonte e dados: <http://peoplesclimate.org/>

Relatórios Síntese para Decisores Políticos que acompanha o relatório final de cada grupo de trabalho. Também divulgou o Relatório Síntese dos três relatórios de cada grupo, em novembro, como parte da preparação para a COP 20/Lima, evento da categoria de Diplomacia do Clima.

A categoria Diplomacia do Clima está presente o ano inteiro. A UNFCCC – Convenção do Clima manteve encontros e negociações ao longo de todos os meses, culminando em dezembro com a Conferência das Partes (COP 20), que acordou que todos os países apresentem suas propostas para mitigação das Alterações Climáticas no primeiro quadrimestre de 2015. Da agenda já consta novo evento de Política Global, marcado para o dia 29 de junho de 2015, com líderes mundiais para a preparação do acordo geral de redução de emissões.

Com a categoria Política Global acontece o mesmo: atividade durante todo o ano. Mês a mês, as Nações Unidas divulgam e reforçam o *UN Climate Summit*, que levou a Nova Iorque líderes políticos e empresariais para fortalecer a vontade de agir em favor das Alterações Climáticas. Quando lançado pelo secretário-geral da ONU, Ban – Ki Moon, no final de 2013, os eventos de Política Global tinham por objetivo criar *momentum* para a realização da COP 20/Lima e introduzir a questão das energias limpas e renováveis na agenda das Alterações Climáticas. Além do *UN Climate Summit*, outros eventos de Política Global ocorreram e foram listados no website oficial e por isso estão por detrás das barras na Figura 1: (i) a criação do *Green Climate Fund* que ultrapassou U\$ 10 bilhões e o anúncio da contribuição financeira dos países em diferentes meses; (ii) o Acordo EUA – China, e (iii) o anúncio da Comissão Europeia de endossar 40% de redução de emissões até 2030 para os 28 estados membros da União Europeia.

Quando assim espacialmente distribuídos ao longo do ano, como é possível observar na Figura 1, fica evidente uma articulação estratégica para que Alterações Climáticas não passasse em branco em 2014 e que o foco fosse energia limpa. Ao que tudo indica, não passou e permitiu a mudança de eixo de carbono/mitigação para energia limpa.

2. Política: acordo de gigantes

Os gigantes acordaram, não só porque saíram do adormecimento em que se encontravam no palco da Política Global do Clima desde a recusa em assinar o Protocolo de Kyoto, mas também porque assinaram, em novembro de 2014, Acordo Bilateral sobre Alterações Climáticas, ainda que não sofram penalidades financeiras ou judiciais caso não o cumpram.

E são gigantes, não só em suas economias, pois são os dois países mais ricos do mundo (o PIB da China é de \$9,2 trilhões e o dos EUA é de \$16,7 trilhões, de acordo com dados de 2013 do Banco Mundial)⁵, mas também em suas emissões. China é hoje o maior emissor de gases com efeito de estufa seguido de perto pelos Estados Unidos. Ambos os países respondem por mais de 40% das emissões globais. Dados do *Global Carbon Project*⁶ aponta que, em 2013, as emissões globais de CO₂ correspondem a China (28%), aos EUA (14%), a União Europeia (28 estados membros, 10%) e Índia (7%). Juntos, os países e a EU respondem por 60% das emissões globais.

O Quadro 1 (a seguir) é uma síntese do Acordo EUA – China, que, em linhas gerais, não deixa antever nada em comum entre os países, a não ser a concordância em tomar medidas para conter a concentração de CO₂ na atmosfera. Esse é o Acordo: os gigantes se posicionam na arena da Política Global do Clima se comprometendo, mundialmente, a fazerem algo.

Quadro 1: Quadro-Síntese Acordo EUA – China Alterações Climáticas 2014						
Anúncio Bilateral	EUA			China		
	redução de emissão			teto de emissão		
	Linha de base	Objetivo	Meta	Linha de base	Objetivo	Meta
Modelo de Política	2005	redução de emissões de 26% a 28%	2025	não se aplica	(i) teto de emissão de CO ₂ (ii) aumentar fatia consumo de energia limpa em 20%	2030
Cooperação para inovação tecnológica para emissões a zero e <i>low carbon</i>	Continuidade do EUA – China <i>Climate Change Working Group</i> para veículos, smart grid, eficiência energética inclusive para tecnologias do uso de carvão					
	Apoio para a descontinuidade do uso global de hidrofluorocarbons (HFCs)					
	Criação do EUA - China <i>Clean Energy Research Center</i> para promover a cooperação em busca de tecnologias para captura e sequestro de carbon e eficiência energética em edifícios e veículos limpos					
	Acordo para revisão conjunta de subsídios de combustível fóssil no âmbito do G-20					
Fonte: Elaborado pela autora com base no EUA – China <i>Joint Announcement on Climate Change</i> (2014)						

O Acordo, quanto ao modelo de política dos dois países, os EUA falam em redução e a China em teto de emissões. A linha de base para os EUA é 2005 e para a China nem se aplica. A meta para os EUA é 2025 e para a China é 2030. Mas então, o que foi negociado? Com o que se comprometeram Estados Unidos e China?

A leitura do Quadro-Síntese aponta para um alinhamento dos objetivos com a Política Doméstica de cada um dos países e com a necessária inserção via inovação tecnológica na Economia Global do Clima. O Professor Eduardo Viola, em palestra no ICS, no dia 28 de janeiro

⁵ Dados do World Bank: <http://databank.worldbank.org/data/download/GDP.pdf>

⁶ Dados do Global Carbon Atlas: <http://www.globalcarbonatlas.org/?q=en/emissions>

de 2015, lembra que, quando se trata de política do clima, o posicionamento dos países está condicionado à agenda interna e a mudanças de posição no discurso político. Diz ele:

Há uma forte relação entre a política internacional do país e a sua política doméstica. Também estamos presenciando que a política do clima está saindo da esfera do ambientalismo e se dirigindo para as esferas da Economia Global e da Segurança Global do Clima. (VIOLA, 2015)

Os dois países, ao estabelecerem seus objetivos, sinalizam que querem mover-se do *business as usual* para a inovação tecnológica de energia limpa. Os Estados Unidos precisam dobrar a velocidade com que reduz emissões e estabeleceu, em junho de 2014, pela primeira vez, *standards* para a poluição por carbono de usinas de eletricidade a carvão, de acordo com a atual regulamentação da *Environmental Protection Agency (EPA)*⁷. A China quer aumentar para 20% sua fatia de energia limpa o que passa por efetivar de 800 a 1,000 gigawatts de energia solar e eólica e outras fontes até 2030, um volume que corresponde atualmente a toda a energia gerada pelas usinas movidas a carvão. Aumentando a produção de energia limpa, a China também ataca o problema da poluição do ar que se agrava a cada dia, como aponta estudo publicado no periódico britânico da área de saúde, *The Lancet*, em dezembro de 2013, que mostra que, em 2010, a poluição do ar causou 1.2 milhão de mortes prematuras⁸. A proposta de alargar a presença de energia limpa da China é parte de seu 12º Planejamento de 5 Anos que coloca ênfase em crescimento com baixo carbono e mudanças energéticas.

Para além de o Acordo EUA – China ser um compromisso público global para executar medidas de combate às Alterações Climáticas, e as medidas serem um reflexo das políticas internas de cada país, o Acordo também sinaliza a busca por expansão de mercados. Os países querem inovação tecnológica para um carvão mais limpo, para a captura e o sequestro de carbono e para a eficiência energética. Querem, também, garantir transações comerciais, numa futura área de cooperação comercial livre Ásia-Pacífico, que já deu seus primeiros passos entre os dois países com a redução de taxas de importação para produtos de informática⁹. Estima-se que a economia chinesa será superior à norte-americana em 2020 e manter os canais comerciais e diplomáticos abertos faz bem aos dois gigantes.

⁷ Dados sobre emissões por setor econômico: <http://www.epa.gov/climatechange/ghgemissions/sources.html>

⁸ Fonte e dados: http://www.nytimes.com/2013/04/02/world/asia/air-pollution-linked-to-1-2-million-deaths-in-china.html?_r=0

⁹ Fonte e dados: <http://www.pbs.org/newshour/bb/beijing-spotlight-domestic-pressures-help-motivate-chinese-compromise/>

E os bastidores do Acordo apontam nessa direção. O Acordo EUA – China, assinado em novembro de 2014, foi costurado pelo secretário de Estado, John F. Kerry, em sua viagem a Beijing (China), em fevereiro de 2013. O resultado da viagem foi a criação do Grupo de Trabalho em Alterações Climáticas¹⁰ com o objetivo de estreitar cooperação em tecnologia, conservação e energia alternativa e renovável e com o propósito de promover crescimento em economia de baixo carbono. O Acordo foi ainda precedido de cartas diplomáticas trocadas entre os dois presidentes e pelo encontro entre Obama e o vice Zhang Gaoli, durante a *UN Climate Summit*, realizada em setembro de 2014, em Nova Iorque (EUA).

John Kerry (2014), em artigo para o *New York Times*, afirma que o Acordo ajuda a acelerar a transição global para economias de energia limpa ao enviar fortes sinais a investidores e ao mercado de energia. Segundo ele, o Acordo reforça o compromisso de 2009 dos Estados Unidos de cortar emissões em 17% abaixo dos níveis de 2005 até 2020, e reforça, igualmente na China, a vontade de reestruturar a economia a partir de uma revolução enérgica que também permite reduzir os níveis atuais de poluição.

2.1 Índia a reboque

O Acordo EUA – China provocou reverberações. Os Estados Unidos se aproxima da Índia para selar um acordo de mesma magnitude. Se ele não ficou escrito ou assinado, pelo menos traz a Índia a reboque para qualquer negociação que ocorra em 2015. A Índia é o 4º país emissor de CO₂, cuja fonte é a mais poluente: carvão. E também o país com crescimento acelerado (5% ao ano querendo chegar a 7%), devendo ultrapassar a China, em sua taxa de crescimento em 2016, conforme estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI)¹¹. O carvão na Índia (5ª reserva mundial) é o motor da energia, cobrindo mais de 60% das necessidades do país, e também de muitos problemas de saúde devido à poluição.

Em janeiro de 2015, presidente Barak Obama e o primeiro-ministro Narendra Modi estabeleceram um acordo guarda-chuva que prevê cooperação para a redução e controle da poluição do ar, redução do uso de hidrofluorcarbonetos e apoio a iniciativas de energia solar para aumentar a capacidade energética do país até 2022. O compromisso não fala em redução ou teto de emissões. A Índia é um dos países mais resistentes a qualquer política sobre o clima,

¹⁰ O *Climate Change Working Group* (CCWG) é liderado por Todd Stern, assessor especial para Climate Change (EUA), e por Xie Zhenhua, vice diretor da Comissão Nacional de Reforma e Desenvolvimento (China). O CCWG é a base para o *Strategic and Economic Dialogue (S&ED)*, que aconteceu em 2013, entre os dois países.

¹¹ Fonte e dados: <http://blogs.wsj.com/indiarealtime/2015/01/20/indgrowth/>

segundo Viola (2014). E a resistência ficou explícita durante a *UN Climate Summit*, em setembro de 2014, em Nova Iorque (EUA), quando o ministro do Ambiente indiano, Prakash Javadekar, em entrevista ao *New York Times*, disse que a prioridade da Índia é combater a pobreza e buscar o crescimento econômico, e perguntou: “*What cuts?*”, respondendo aos jornalistas a respeito de compromissos globais sobre cortes nas emissões¹².

O Acordo de Cooperação EUA – Índia, costurado desde setembro de 2014 e divulgado conjuntamente em janeiro de 2015, durante visita do presidente Obama ao país, aporta do governo dos Estados Unidos a quantia de \$1 bilhão à Índia para que possa adquirir tecnologia para energia limpa de empresas norte-americanas. Também estabelece iniciativas para obras de adaptação às cheias e inundações em cidades da zona costeira indiana. Isto é, abre mercado, aporta recursos para facilitar as negociações comerciais e se alinha em parceria.

3. Opinião: água e vinho

O que pensam norte-americanos e chineses sobre as alterações climáticas? O que dizem sobre as responsabilidades governamentais quanto ao assunto? Para responder a essas perguntas e conhecer a opinião de norte-americanos e chineses para saber o que é comum e o que é diferente entre eles, selecionou-se pesquisa de opinião aplicada no mesmo ano – 2012, no mesmo período, pela mesma instituição e que fosse nacionalmente representativa. O Quadro 2 (a seguir) traz uma síntese comparativa das duas pesquisas aplicadas nos Estados Unidos e na China pelo *Yale Project on Climate Change Communication*, com o objetivo de conhecer as crenças e as atitudes sobre alterações climáticas.

Ressalta-se que a pesquisa realizada nos Estados Unidos pergunta sobre *global warming* (aquecimento global) e a realizada na China pergunta sobre *climate change* (alterações climáticas). As expressões são usadas ora para se referir ao aumento da temperatura ora para mudanças no clima, ainda que, do ponto de vista científico, alterações climáticas seja mais abrangente que aquecimento global¹³.

¹² Fonte e dados: http://www.nytimes.com/2014/09/25/world/asia/25climate.html?_r=0

¹³ A terminologia *global warming* (aquecimento global) começa a aparecer na literatura em 1975, num artigo de Wallace S. Broecker, professor de Geologia do Columbia College (<http://www.college.columbia.edu/cct/summer12/features4>). Em 1979, *global warming* e *climate change* (mudança climática) dividiam as referências ora se falando de elevação de temperatura ora se falando em aumento de CO₂ na atmosfera. Desde 1988, o termo aquecimento global é mais usado devido ao climatologista James Hansen, que popularizou o termo a partir de depoimento no Congresso norte-americano. (<http://www.npr.org/blogs/thetwo-way/2013/04/02/176010296/james-hansen-nasa-scientist-who-raised-climate-change-alarm-is-retiring>).

Quadro 2: Quadro-Síntese Comparativo sobre Pesquisa Opinião EUA e China		
Tópico	EUA	China
Instituto	Yale Project CCC e o parceiro George Mason University	Yale Project CCC e os parceiros Renmin University e Oxfam Hong Kong
Período/ano	Agosto/setembro de 2012	Julho/agosto de 2012
Metodologia	Survey nacional por internet	Survey nacional por telefone
Respondentes	1,061	4,169
População	adultos	adultos, amostra urbana e rural
Margem de Erro	3%	1,5%
Nível de Confiança	95%	95%
Objeto	crenças e atitudes de norte-americanos sobre aquecimento global setembro 2012	consciência, crenças, atitudes, apoio político e comportamentos ambientais do público sobre alteração climática
Fonte: Elaborado pela autora com base dos Relatórios de Pesquisa disponibilizados no website da <i>Yale Project on Climate Change Communication (2012)</i>		

As duas pesquisas possuem um conjunto comum de perguntas que podem ser comparadas entre si. Das perguntas singulares a cada país, foram selecionadas as que se referem às responsabilidades governamentais e também aquelas relacionadas com o conhecimento sobre alterações climáticas e com soluções possíveis ao problema.

Para facilitar a análise das perguntas comuns, foi elaborado o Quadro 3 (a seguir) que elenca as respostas dadas por norte-americanos e por chineses nas pesquisas realizadas pelo *Yale* em 2012. Para os chineses as alterações climáticas estão acontecendo (93%), vão impactar fortemente as pessoas na China (82%), afetam já as pessoas no presente (69%) e vão afetar as gerações futuras (87%). Os chineses afirmam que já vivenciaram impactos do fenômeno (60%) e que o assunto é motivo de preocupação (78%). Para outro lado, no entanto, as alterações climáticas só acontecem para 70% dos norte-americanos, que afirmam não ser um fenômeno de grande impacto (56%) e que tampouco os esteja afetando agora (36%), apesar de acreditarem que vai afetar as gerações futuras (68%). Quanto a ter experiências com os impactos das alterações climáticas, menos da metade dos norte-americanos (36%) consideram que já as tiveram e apenas 16% se mostram muito preocupados e 42% se mostram alguma coisa preocupados com o fenômeno. Tanto para chineses quanto para norte-americanos, as alterações climáticas são causadas por atividades humanas (54% - EUA e 55% - China).

Norte-americanos e chineses são água e vinho quando o assunto é Alterações Climáticas. Para os chineses, o assunto é agenda do dia, enquanto que para os norte-americanos é um assunto distante, que não está presente no cotidiano dos cidadãos.

Quadro 3: Opinião Comparada de Norte-Americanos e Chineses sobre Alterações Climáticas - 2012			
Pergunta/Ideia-Chave	Tópico	EUA	China
Está acontecendo?	sim	70%	93%
Qual a causa?	atividades humanas	54%	55%
	mudanças naturais no ambiente	30%	38%
Está pessoalmente preocupado?	muito preocupado	16%	23%
	alguma coisa preocupado	42%	55%
	não muito preocupado	25%	14%
	nenhum pouco preocupado	17%	8%
Já tem experiência pessoal com os impactos?	sim	38%	60%
Quando vai afetar as pessoas nos EUA e na China?	agora	36%	69%
	em 10 anos	13%	8%
Quanto vai afetar as pessoas nos EUA e na China?	muito	26%	42%
	moderado	31%	40%
	pouco	17%	14%
	nada	12%	4%
Quanto vai afetar as futuras gerações?	muito	47%	69%
	moderado	21%	18%
	pouco	9%	8%
	nada	8%	4%
Fonte: Elaborado pela autora com base nos Relatórios de Pesquisa disponibilizados no website da <i>Yale Project on Climate Change Communication (2012)</i>			

Além das perguntas idênticas aplicadas em ambos os países, as pesquisas trazem perguntas singulares que foram feitas aos respondentes norte-americanos e chineses. A leitura das perguntas do questionário aplicado em cada um dos países permite selecionar aquelas que falam sobre o mesmo assunto, ainda que não sejam idênticas em sua formulação. As perguntas selecionadas foram agrupadas em três conjuntos: responsabilidades governamentais, conhecimento sobre alterações climáticas e soluções possíveis para o problema. Para facilitar a análise e possibilitar algum aspecto comparativo, foi elaborado o Quadro 4 (a seguir) dividido em três subtópicos: 4A, 4B e 4C a fim de abordar cada um dos conjuntos.

O Quadro 4A (a seguir), sobre responsabilidades governamentais, destaca a resposta dos chineses que entendem que o governo deve dar muita atenção ao assunto (98%) e deve ser dele também a liderança (65%). Não há, na pesquisa aplicado aos norte-americanos, nenhuma pergunta sobre papel do governo em relação ao aquecimento global.

Quadro 4: Opinião de Norte-Americanos e Chineses sobre Tópicos Singulares Alterações Climáticas			
Quadro 4A: Responsabilidades Governamentais			
Pergunta/Ideia-Chave	Tópico	EUA	China
Governo deve dar muita atenção ao tópico alterações climáticas	Concorda/Discorda	Não se aplica	89% concordam e 9% concordam alguma coisa (98%)
Quem deve ter o papel de responder às alterações climáticas?	governo	Não se aplica	68%
	público		16%
	midia		9%
	empresas		6%
	NGOs		1%
Fonte: Elaborado pela autora com base nos Relatórios de Pesquisa disponibilizados no website da <i>Yale Project on Climate Change Communication (2012)</i>			

O Quadro 4B (a seguir) sobre conhecimento sobre alterações climáticas, ainda que o assunto seja abordado de forma diferente nos questionários aplicados a norte-americanos e chineses, é possível dizer que chineses sabem sobre alterações climáticas (93%) e que os norte-americanos necessitam de informação sobre aquecimento global (70%).

Quadro 4: Opinião de Norte-Americanos e Chineses sobre Tópicos Singulares Alterações Climáticas			
Quadro 4B: Conhecimento sobre Alterações Climáticas/Aquecimento Global			
Pergunta/Ideia-Chave	Tópico	EUA	China
Necessidade de Informação	precisa muito mais	20%	Não se aplica
	precisa algo mais	25%	
	precisa pouco mais	25%	
	precisa nada mais	30%	
Quanto sabe sobre alterações climáticas?	sabe muito	Não se aplica	11%
	sabe alguma coisa		54%
	sabe pouco		28%
	nunca ouviu falar		7%
Fonte: Elaborado pela autora com base nos Relatórios de Pesquisa disponibilizados no website da <i>Yale Project on Climate Change Communication (2012)</i>			

O Quadro 4C (a seguir) sobre soluções possíveis para o problema, ainda que novamente o assunto seja abordado de forma diferente nos questionários aplicados a norte-americanos e chineses, é possível dizer que norte-americanos (57%) acreditam que o aquecimento global pode ter uma solução tecnológica sem que a vida diária dos indivíduos tenha de ser modificada, enquanto que chineses estão dispostos a pagar mais por soluções que envolvam não só tecnologias mas também mudanças comportamentais, via regulação. Os chineses (93%) afirmam que são a favor de padrões obrigatórios para resíduos e reciclagem, ou seja, medidas que envolvem comportamentos grupais e individuais, assim como são a favor (92%) de carros

mais eficientes no consumo de combustível, ou seja, medidas mais tecnológicas. Os chineses demonstram resistência (24%) à exigência para compra de produtos reciclados.

Quadro 4: Opinião de Norte-Americanos e Chineses sobre Tópicos Singulares Alterações Climáticas								
Quadro 4C: Soluções Possíveis para o Problema								
Pergunta/Ideia-Chave	Tópico	EUA	China					
Novas Tecnologias podem resolver problemas de aquecimento global sem que os indivíduos tenham de modificar muito a vida	concorda fortemente	26%	Não se aplica					
	concorda moderadamente	31%						
	discorda moderadamente	17%						
	discorda fortemente	12%						
Contra ou a Favor de medidas ambientais ainda que custe mais?			R	C	G	A	O	CE
	fortemente a favor	Não se aplica	55%	52%	47%	45%	44%	27%
	moderadamente a favor		38%	40%	44%	44%	42%	49%
	moderadamente contra		5%	6%	6%	8%	10%	17%
fortemente contra	2%		2%	3%	3%	4%	7%	
R: padrões obrigatórios para classificação de resíduos e reciclagem								
C: fabricação de carros mais eficientes no consumo de combustível								
G: uso de materiais e <i>designs</i> verdes em construção								
A: exigência para empresas de padrões ambientais								
O: exigência para agricultores para uso de fertilizantes orgânicos								
CE: exigência para consumidores e empresas comprarem produtos reciclados								
Fonte: Elaborado pela autora com base nos Relatórios de Pesquisa disponibilizados no website da <i>Yale Project on Climate Change Communication</i>								

4. As reflexões

O ano de 2014 não passou em branco para as Alterações Climáticas e o foco das articulações estratégicas foi a energia limpa e a transição para uma economia de baixo carbono. A comunidade científica divulgou os relatórios de avaliação e o IPCC atuou com os decisores políticos na Conferência das Partes 20, em Lima (Peru). A COP 20 ganhou *momentum* com as articulações e a realização do evento *Climate Summit* pelas Nações Unidas, que reuniu chefes de Estados em Nova Iorque (EUA). O evento mobilizou a participação popular com uma Marcha pelo Clima e com a assinatura de uma petição pública global em prol de energia limpa.

A estratégia de energia limpa também está presente no Acordo Bilateral EUA – China, assinado em novembro de 2014. O Acordo posiciona os gigantes da economia e das emissões de CO2 na arena Política Global do Clima. Também reforça e cria sinergia com as políticas domésticas de cada um dos países: Estados Unidos estabelecendo, pela primeira vez, *standards* para a poluição por carbono de usinas de eletricidade a carvão e a China com a meta de substituir

toda a energia gerada por carvão por energia limpa até 2030, e, com isso, reduzir drasticamente a poluição do ar que gera protestos internos.

Os dois países são *players* na Economia Global do Clima ao expandirem mercado e buscarem inovação tecnológica para um carvão mais limpo, para a captura e o sequestro de carbono e para a eficiência energética. O Acordo EUA – China traz a Índia a reboque. Em janeiro de 2015, EUA e Índia estabelecem uma linha de cooperação que não fala de cortes ou teto de emissões de CO₂ mas sim de energia renovável. O governo dos EUA aportou \$1 bilhão à Índia para que possa adquirir tecnologia de empresas norte-americanas.

Se os governantes de EUA e China se colocaram de acordo em Política Global do Clima e em matéria de mercado e cooperação tecnológica para energia limpa, as pesquisas de opinião pública, realizadas nos dois países, em 2012, indicam que chineses e norte-americanos são água e vinho quando o assunto é alterações climáticas.

Para os chineses, Alterações Climáticas é agenda do dia, enquanto que para os norte-americanos é um assunto distante, que não está presente no cotidiano dos cidadãos. Os chineses dizem saber sobre alterações climáticas e os norte-americanos afirmam que não têm informação sobre o assunto. Os chineses estão preocupados com as alterações climáticas porque sabem que ela já está acontecendo e porque já tiveram experiência. Os norte-americanos estão menos preocupados e não acham que alterações climáticas estejam acontecendo agora. Chineses e norte-americanos concordam que as alterações climáticas são causadas por atividades humanas.

Os chineses entendem que o governo deve dar muita atenção ao assunto e que deve ser ele a tomar a liderança para encaminhar o problema. Norte-americanos acreditam que a tecnologia pode resolver o problema e os chineses entendem que a solução passa por tecnologia e por mudança de comportamento, via regulação sobre resíduos e reciclagem, carros mais eficientes e uso de fertilizantes orgânicos.

Em síntese, EUA e China são, agora, ativos na política global do clima e, com isso, reforçam as políticas domésticas de controle de emissões por carvão e expandem mercado para tecnologia e energia limpa. Chineses apostam no governo como fonte de solução dos problemas e os norte-americanos acreditam na tecnologia.

Referências

BARDIN, Laurence (2014). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, edição revista e atualizada.

BENGUIAT, V. (2013). *International Public Opinion on China's Climate Change Policies*, In Chinese Studies, 2, 161-168. Doi: 10.4236/chnstd.2013.24027. Disponível em: <http://www.scirp.org/journal/PaperInformation.aspx?PaperID=39951>

BINBIN, Wang e YUJIE, Li (Org.) (2012). *Public climate change awareness and climate change communication in china*. China Center for Climate Change Communication (jointly established by the Research Center for Journalism and Social Development of Renmin University and Oxfam Hong Kong). Disponível em: <http://environment.yale.edu/climate-communication/article/public-climate-change-awareness-and-climate-change-communication-in-ch>

EUA – China *Joint Announcement on Climate Change* – Beijing, China (2014). Disponível em: <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/11/11/us-china-joint-announcement-climate-change>

KERRY, John (2014). China, America and Our Warming Planet, In The New York Times, nov 11, 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/11/12/opinion/john-kerry-our-historic-agreement-with-china-on-climate-change.html>

LEISEROWITZ, A., MAIBACH, Edward, et all (2012). *Climate change in the American mind: Americans' global warming beliefs and attitudes in September, 2012*. Yale University and George Mason University. New Haven, CT: Yale Project on Climate Change Communication. <http://environment.yale.edu/climate/files/Climate-Beliefs-September-2012.pdf>

VIOLA, Eduardo (2015). *The politics of climate change*. Palestra realizada em 28 de janeiro de 2015, no ICS-Universidade de Lisboa, como parte do *workshop* PRIMO: Power and Regions in a Multipolar World.